

Mostras e Festivais:

Encontros, festivais e mostras do audiovisual negro tornam-se meios de rompimento das estruturas excludentes do cinema

POR **EDILEUZA PENHA DE SOUZA**

E **MARCUS VINICIUS AZEVEDO MESQUITA***

TEXTO SELECIONADO NO EDITAL FILME CULTURA EDIÇÃO 64

nas trilhas do Cinema Negro Brasileiro



NA HISTÓRIA DO CINEMA, mostras e festivais têm sido importantes veículos de divulgação de obras, movimentos, cineastas. Ainda que considerados espaços elitistas, mostras e festivais possuem a tarefa de formação de público e de ampliação da produção audiovisual. Com o cinema negro, não é diferente.

Foi a participação do cineasta Zózimo Bulbul¹ no *III Festival de Cinema de Diretores da Diáspora Africana* em Nova Iorque, em 1995, que o levou a participar do *Festival Pan-Africano de Cinema e Televisão de Ouagadougou* (FESPACO), em Burkina Faso, em 1997. O olhar visionário de Zózimo possibilitou a criação do Centro Afro Carioca de Cinema e, na sequência, o *I Encontro de Cinema Negro Brasil África*, inaugurando um lugar ímpar do cinema negro brasileiro.

Escolhemos dois acontecimentos do cinema brasileiro como ponto de partida para pensar de que forma os encontros, os festivais e as mostras têm suscitado a construção e afirmação do Cinema Negro Brasileiro (CNB): a participação de Zózimo nos festivais 1) *III Festival de Filme Africano e Diáspora Contemporâneo* e 2) *Mostra Momentos do Cinema Afro-Brasileiro – Retrospectiva* (MMCAR), em que foi o único diretor negro. O ano de 1995 é também quando Zózimo Bulbul cria o CNB. Além disso, esse ano tem como marco os festejos do tricentenário de Zumbi².

O cinema brasileiro tem sido um processo de realização de filmes de pessoas brancas³, mesmo considerando que a população negra sempre estivera presente reivindicando espaços e visibilidades antes ainda da assinatura da Lei Áurea, como demarcam todos os movimentos de resistência ao sistema escravocrata ocorridos nessa época. A luta contra o racismo, o preconceito e a discriminação são permanentes, a exemplo da carta escrita por Grande Otelo⁴ denunciando a ausência da população negra nos comerciais. A imagem da população negra no audiovisual permanece dentro do que Sodré (1999) chamou de “síndrome de vampiro”, na qual os negros não são vistos.

Na década de 1990, o debate antirracista se consolida em torno do cinema, passando inclusive pela ressignificação de imagens e representações do negro no cinema, a exemplo do Manifesto Dogma Feijoadá. As polêmicas geradas pelo Manifesto fomentaram inúmeras discussões sobre o conceito “cinema negro” e os debates que provocou se mantêm na ordem do dia. Este artigo parte da *Mostra Momentos do Cinema Afro-Brasileiro – Retrospectiva*, ocorrida em um momento de baixa produção e invisíveis exibições do cinema produzido por diretores e diretoras negros e negras. O artigo tem como objetivo evidenciar o atual contexto, em que o *Encontro de Cinema Negro Zózimo Bulbul* se soma a uma quantidade de mostras e festivais moldados em torno da questão racial, contribuindo para a consolidação do conceito de cinema negro. Esses eventos têm produzido grandes transformações na estrutura do cinema negro brasileiro. Nossa perspectiva é demarcar o crescimento do cinema negro como consequência do aumento do número de mostras e festivais de cinema, do desenvolvimento de políticas públicas, do avanço e acesso a novos processos tecnológicos de produção, da popularização da internet e, ainda, da criação da Associação dos Profissionais do Audiovisual Negro (APAN).

MOSTRA MOMENTOS DO CINEMA AFRO-BRASILEIRO – RETROSPECTIVA

Passados pouco mais de 20 anos da *Mostra Momentos do Cinema Afro-Brasileiro – Retrospectiva* (MMCAR), podemos observar o crescimento e a consolidação de um cinema classificado dentro da categoria étnico-racial.

A MMCAR ocorreu em São Paulo, Belo Horizonte e Salvador, no ano do tricentenário de Zumbi, mas priorizou os realizadores brancos. A invisibilidade de diretores negros apontava para a necessidade de se pensar caminhos para construção do cinema negro brasileiro com representantes negros em todas as etapas de criação, como tem ocorrido desde o *I Encontro de Cinema Negro Brasil África*; e nos festivais e mostras que surgiram nos últimos anos.

Em São Paulo, a mostra ocorreu entre os dias 6 e 17 de novembro de 1995, na recém inaugurada sala CINUSP Paulo Emílio; da Universidade de São Paulo (USP); em Belo Horizonte, fez parte da programação do *Festival Internacional de Arte Negra (FAN)*⁵, entre os dias 23 de novembro e 3 de dezembro, no auditório JK, na sede da Prefeitura Municipal; e em Salvador, entre os dias 27 e 30 de novembro, na então sala de Cinema Nazaré Liberdade.

Em São Paulo e Belo Horizonte, foram exibidos os longas:

LONGAS

- BARRAVENTO* (1962)
O LEÃO DE SETE CABEÇAS (1970)
A IDADE DA TERRA (1980)
DIR: GLAUBER ROCHA
- BRASILIANAS: CANTOS DE TRABALHOS* (1955)
DIR: HUMBERTO MAURO
- RIO ZONA NORTE* (1957)
DIR: NELSON PEREIRA DOS SANTOS
- PARTIDO ALTO* (1976)
DIR: LEON HIRSZMAN
- ASSALTO AO TREM PAGADOR* (1962)
DIR: ROBERTO FARIAS
- O CRIOLO DOIDO* (1970)
DIR: ALBERTO PRATES CORREIA
- INTEGRAÇÃO RACIAL* (1964)
DIR: PAULO CEZAR SARACENI
- O TIGRE E A GAZELA* (1977)
DIR: ALOYSIO RAULINO
- O FIO DA MEMÓRIA* (1991)
DIR: EDUARDO COUTINHO
- XICA DA SILVA* (1976)
DIR: CACÁ DIEGUES
- O DIA EM QUE DORIVAL ENCAROU A GUARDA* (1988)
JORGE FURTADO
- ORÍ* (1989)
RAQUEL GERBER
- MOLEQUE DE RUA* (1988)
DIR: MÁRCIO FERRARI

Em Belo Horizonte, onde a Mostra foi exibida por mais tempo, fizeram ainda parte da programação os curtas e médias-metragens.

CURTAS E MÉDIAS

- ALMA NO OLHO* (1976)
DIR: ZÓZIMO BULBUL
- O QUE EU ESTOU VENDO VOCÊS NÃO PODEM VER* (1978)
DIR: CARLOS AUGUSTO CALIL
- OKÊ JUMBEBA - A PEQUENA ÁFRICA NO RIO DE JANEIRO* (1985)
DIR: NELSON PEREIRA DOS SANTOS
- A MORTE DE UM POETA* (1981)
DIR: ALOYSIO RAULINO
- FRIO NA BARRIGA* (1987)
DIR: NILSON VILLAS BOAS
- ÁFRICA, MUNDO NOVO* (1977)
DIR: HERMANO PENNA
- INTEGRAÇÃO RACIAL* (1964)
DIR: PAULO CEZAR SARACENI
- VIVER A VIDA* (1991)
DIR: TATA AMARAL



FOTO: ACERVO CINEMATECA BRASILEIRA

O DIA EM QUE DORIVAL ENCAROU A GUARDA

Na cidade de Salvador, a Mostra ocorreu em apenas três dias. Não conseguimos identificar quais filmes foram exibidos.

A curadoria da *Mostra Momentos do Cinema Afro-Brasileiro – Retrospectiva* foi da cineasta Raquel Gerber, ficando a coordenação geral a cargo de Maria Dora Genis Mourão do CINUSP. A organização do evento formou um grupo de pesquisa da filmografia Afro-Brasileira, com objetivo de selecionar as obras com base nos acervos da Associação Brasileira de Vídeo Popular (ABVP); da Cinema Distribuição Independente (CDI); da Cinemateca Brasileira; da Cinemateca do MAM do Rio de Janeiro; do Instituto Brasileiro de Arte e Cultura (IBAC); do Museu da Imagem e do Som (MIS) de São Paulo e da Associação Vídeo Brasil. Maria Aparecida Braga (Cuca), Maria Cristina Amaral, Raquel Gerber e Rose Ferreira estiveram à frente dessa seleção, a qual se fundamentou nos catálogos: *Cultura negra* (CDI - Cinema Distribuição Independente: São Paulo, 1989); *Programas Jornadas brasileira de curta-metragem da Bahia*: Cachoeira, 1983, 1984, 1985 e 1988; *O cinema e a escravidão* (Museu da Imagem e do Som: São Paulo, 1988); *O cinema cultural paulista* (Museu da Imagem e do Som: São Paulo, 1991); *II Festival Internacional de Curtas-metragens de São Paulo* (Museu da Imagem e do Som: São Paulo, 1991); nos Programas de Homenagem ao dia Nacional da Consciência Negra (Museu

Lasar Segall, São Paulo, 1981, 1982 e 1983); dos materiais produzidos pela Embrafilme: *O negro no cinema brasileiro* (1992) e *100 anos da abolição nos 90 anos do cinema* (1998) e do livro: *O negro no cinema brasileiro*, de João Carlos Rodrigues.

O estranhamento ocorre, ao confrontar os documentos que serviram de parâmetro para seleção dos filmes e o conjunto de obras selecionadas, pois elas contemplam um único diretor negro, Zózimo Bulbul; ainda assim com um curta, quando ele já tinha estreado seu longa *Abolição*, em 1988.

Em uma entrevista, Zózimo explicita o apagamento tanto dos filmes feitos por diretores negros, quanto a possibilidade de uma discussão mais aprofundada sobre as questões que atingem a população negra no Brasil, a partir do que aconteceu com o seu longa-metragem:

Ganhei mais um prêmio em Nova York, mas aqui no Brasil nunca saiu uma nota de jornal sobre o filme e sobre os prêmios que eu ganhei. Voltei muito triste com essa coisa do filme ter ganhado vários prêmios em festivais e aqui no Brasil não ter acontecido nada, nem comigo e nem com o filme. Eu tinha pretensão de ser conhecido de mostrar o filme, eu queria botar a cara na rua, discutir não só a cinematografia negra brasileira, mas também a temática do filme, e ficou uma coisa muito do tipo “cala boca negão – isso não existe!” (BULBUL, s.d)



PERCURSOS DOS CINEMAS NEGROS BRASILEIROS

Esse trecho da entrevista demonstra que historicamente o cinema brasileiro tem apagado as realizações de diretores e diretoras negros e negras, acarretando a impossibilidade de exibição e circulação de seus filmes. Por sua vez, o debate sobre a realidade da população negra no cinema foi um espaço reservado unicamente a diretores brancos, os quais recorreram a estereótipos na construção de seus personagens, conforme analisa Robert Stam (2008).

Em um momento histórico, como foi o ano do tricentenário de Zumbi dos Palmares⁶, a *Mostra Momentos do Cinema Afro-Brasileiro – Retrospectiva* priorizou os realizadores brancos, deixando de refletir sobre as experiências vividas pelos negros no Brasil através do olhar dos próprios diretores negros; pois, mesmo cineastas mais antigos — como Waldir Onofre, *As aventuras amorosas de um padeiro* (1976); Antônio Pitanga, *Na boca do mundo* (1978); entre outros — ficaram de fora da Mostra. A invisibilidade de diretores negros na referida mostra apontava para a necessidade de se pensar em caminhos para construção do cinema negro brasileiro com representantes negros em todas as etapas de criação, como tem ocorrido desde o *Primeiro Encontro de Cinema Negro Brasil África*.

Desde 2003, várias ações possibilitaram que outros atores sociais adentrassem o mercado cinematográfico e audiovisual. Políticas públicas formuladas com o recorte racial colaboram diretamente para esse cenário. As produções feitas por realizadores e realizadoras negros e negras e as discussões decorrentes desse contexto viabilizaram que esses profissionais se organizassem em busca de manter-se no mercado e continuar produzindo. O desenvolvimento das tecnologias digitais e sua rápida disseminação pela sociedade possibilitaram o acesso aos meios de produção e, dessa forma, contribuíram para consolidar o cinema negro e, por fim, os festivais e mostras que surgiram no Brasil nos últimos anos constituíram-se em importantes janelas de exibição para as produções.

As ações afirmativas possibilitaram a compreensão da cidadania como consolidação de direitos fundamentais. Programas e instrumentos jurídico-legais e os editais com recorte racial foram bases de apoio para construção do cinema negro brasileiro, protagonizando a fundação da Associação dxs Profissionais do Audiovisual Negro. Nos últimos anos, assistimos a significativa mudança na forma como as produções cinematográficas e audiovisuais são realizadas, distribuídas e exibidas. Equipamentos e meios de circulação digitais possibilitam novas estruturas de produção e circulação da produção cultural. Essas inovações, muitas vezes, permitem a quebra das estruturas tradicionais da cadeia produtiva audiovisual e cinematográfica no Brasil. Além disso, os festivais e mostras que surgiram no Brasil nos últimos anos constituíram janelas de exibição para as produções. É importante ressaltar que nossa perspectiva não é criar uma hierarquia entre esses fatores, mas mostrar como eles se entrelaçam e ocorrem de maneira conjunta.

As ações afirmativas possibilitaram a compreensão da cidadania como consolidação de direitos fundamentais.

As câmeras digitais, os avançados equipamentos e softwares permitem a esses sujeitos o contato com a linguagem do cinema e o arranjo de novas práticas. Dessa maneira, surgem discussões sobre as representações que essas imagens podem veicular, visto que agora, além de consumidora, a população negra também se torna produtora de conteúdo. Gustavo Souza enfatiza que essa produção cinematográfica é realizada com “baixo custo e com boa qualidade, faz uso das novas tecnologias como poderosas ferramentas que permitem apresentar e defender posicionamentos, histórias, experiências, vivências e culturas” (SOUZA, 2012, p. 104).

Da mesma forma, contribui Mohamed Bamba, ao explicitar que a apropriação das tecnologias digitais por cineastas negros e negras gera uma produção

“das memórias das tradições culturais populares negras e de matriz africana no Brasil bem como os leva a produzir narrativas em que não hesitam em introduzir certa poesia em narrativas que constroem, geralmente, com uma consciência política e étnica afirmada” (BAMBA, 2011, p. 64).

Realizadores e realizadoras negros e negras estabelecem uma nova ordem imagética frente às suas realidades, conduzindo por meio das tecnologias digitais um processo dialético de ruptura e progresso, que se destina a compartilhar conhecimentos, produzir novos imaginários e práticas pedagógicas, num compromisso ético e político com a representação da população negra. Refletindo acerca de sua realidade, esses profissionais reformulam como seus espaços e modos de vida são retratados pelo cinema e como as pessoas enxergam a si.

Nosso objetivo é apresentar aqui o cinema negro brasileiro como fruto de uma somatória de fatores da contemporaneidade. Para nós, encontros, mostras e festivais são configurados como terras férteis e aráveis aguardando as sementes, simbolizadas pelos filmes de cineastas negros e negras. É nessa perspectiva, de espaços que germinam e florescem a cada ano, que tentamos catalogar alguns dos principais festivais e mostras do cinema negro no país.

REGIÃO NORDESTE – AQUILOMBAMENTOS E CINEMA DOS LITORAIS AOS SERTÕES

No Estado mais negro da diáspora africana, destaca-se o *Bahia Afro Film Festival (BAFF)*, festival de cinema negro realizado em diferentes cidades, como Salvador e Cachoeira. A VI edição, a última que conseguimos catalogar, ocorreu em 2016.

Como os ventos não param, a *Mostra de Cinema Negro – Ancestralidade na África e diáspora*, na cidade de Salvador em 2014, integrou as comemorações do Novembro Negro. Em 2016, as organizadoras do *Festival de Documentários de Cachoeira (CachoeiraDoc)*⁷ apresentaram o programa *Por um cinema negro no feminino*, em que exibiram filmes realizados por cineastas negras, com o intuito de discutir o cinema negro feminino.

O ano de 2018 pode ser considerado o momento do cinema negro no Brasil, e a Bahia abriu a temporada do calendário de eventos do nordeste do país com a *Mostra Performance Negra no Cinema Brasileiro*, realizada pelo Cineclubes Mário Gusmão⁸ em março, na cidade de Cachoeira, Recôncavo Baiano. Em setembro, essa mesma mostra ocorreu na cidade de Maceió, no CineSesc. O ponto alto da mostra foi a homenagem a atores e atrizes negros e negras nos filmes do cinema brasileiro, bem como a exaltação das suas trajetórias no cinema.

A *Mostra Itinerante de Cinemas Negros – Mohamed Bamba*⁹ homenageia o professor marfinense. Em sua primeira edição, circulou por diversos bairros de Salvador, exibindo 35 longas e curtas-metragens de cineastas negras e negros do Brasil e de países africanos

de língua portuguesa. A equipe da produção foi formada unicamente por mulheres negras, com objetivo de apresentar e debater a produção audiovisual realizada por cineastas negras e negros da África e da diáspora negra, além de estimular o debate sobre identidade, gênero e sexualidade. Em 2021, a mostra aconteceu em dois eventos ao longo do ano, a primeira em uma versão on-line e uma segunda edição especial denominada *MIMB Olhares Periféricos* que celebrou a potência ancestral das periferias brasileiras.

Em 2019, o projeto de extensão Cinemalês realizou a terceira edição da *Mostra Ousmane Sembene de Cinema (MOSC)* na cidade de São Francisco do Conde, Bahia, reunindo filmes de todo o Brasil, América Latina e África, exibidos ao longo de cinco dias.

Sergipe se destaca com a *Egbé - Mostra de Cinema Negro de Sergipe* que, em 2023, vai para sua oitava edição, apresentando filmes que compõem a imensa diversidade do cinema negro com produções brasileiras e estrangeiras. A realizadora e produtora da mostra, Luciana Oliveira¹⁰, em seu discurso de abertura na segunda edição da mostra, proferiu que: “O Cinema Negro é um espaço de luta pela nossa existência”.

A *Mostra Negritude Infinita* acontece desde 2018 em Fortaleza. Nela, os organizadores construíram um espaço para a reflexão sobre a representação do corpo negro no cinema brasileiro e os rumos do cinema negro contemporâneo.

Em Maceió, o Centro Cultural Arte Pajuçara recebeu a *Mostra Quilombo de Cinema Negro* produzida pelo Mirante Cineclubes. Em 2019, o evento reuniu 14 filmes, além de diversas atividades culturais, propondo-se a ampliar as subjetividades e as possibilidades de imaginários de pessoas negras no cinema.

REGIÃO SUDESTE - ZÓZIMO BULBUL E OS NOVOS OLHARES SOB CINEASTAS NEGROS

Criado por Zózimo Bulbul, na cidade do Rio de Janeiro, em 2007, o Centro Afro Carioca de Cinema realizou naquele mesmo ano o *I Encontro de Cinema Negro Brasil/África*, homenageando o pai do cinema negro africano Ousmane Sembène. O sucesso do encontro foi tão grande, que durante quatro anos ocorreu de forma contínua e, posteriormente, ampliou-se para acolher o cinema afro-latino-americano e caribenho. O *V Encontro de Cinema Negro Brasil África e Caribe*, ocorrido em 2011, homenageou o país Burkina Faso e o mais importante festival de cinema negro do mundo, o *FESPACO – Festival Pan Africano de Cinema de Ouagadougou*. Com a partida de Zózimo para o *Orum*, em janeiro de 2013, o VII Encontro (2014), foi acrescido de seu nome tornando-se *VII Encontro de Cinema Negro Brasil, África e Caribe / Zózimo Bulbul*. A 13ª edição teve como proposta o acréscimo de outras diásporas no nome, o que reafirma o trabalho de pesquisa da antropóloga Sheila Walker (2018) no documentário *Rostos familiares, lugares – uma diáspora africana global*¹¹. O *Encontro de Cinema Negro Zózimo Bulbul – Brasil, África e Caribe e Outras Diásporas* é, sem dúvida, o principal e maior aglutinador do cinema negro no Brasil, reunindo filmes do continente africano e de toda a diáspora negra.

Também no Estado do Rio de Janeiro, no ano de 2009, aconteceu a *Mostra de Cinema Negro de Mesquita*, no Município de Mesquita, na Baixada Fluminense. Essa

Mostra foi resultado da parceria entre a Coordenadoria Municipal de Promoção da Igualdade Racial com a Casa de Cultura Rasta Brasil (CCRB) e o Movimento Negro de Mesquita. No entanto, até o momento teve apenas uma edição.

Se São Paulo é a capital cultural do Brasil, lá nasceu a Mostra mais antiga do país, a *Mostra Internacional do Cinema Negro*. Em sua 18ª edição consecutiva, ela se realiza com curadoria do professor e pesquisador Celso Luiz Prudente¹², exibindo filmes de cineastas negros de diversos países e consolidando-se como uma das mais importantes do mundo.

Sediada em São Paulo, a Associação dxs Profissionais do Audiovisual Negro (APAN), realizou em 2016 a *Mostra do Audiovisual Negro*, buscando apresentar as produções de realizadores negros e de realizadoras negras para o público que muitas vezes não tem acesso a esses filmes. Em 2020, a APAN promoveu de forma online o *I Festival Internacional do Audiovisual Negro do Brasil – FIANB*. O festival nasceu da ampliação do Seminário do Audiovisual Negro, um evento materializado em três edições.

Em Minas Gerais, a Universidade Federal de Uberlândia (UFU) organizou, como parte da programação da Semana Nacional do Livro e da Biblioteca em 2017,



O QUE EU ESTOU VENDENDO VOCÊS NÃO PODEM VER

a *Mostra de Cinema Negro*, que tinha como objetivo valorizar obras audiovisuais produzidas por cineastas negros e negras, trazendo para cena questões históricas, culturais, políticas e estéticas dos negros na África e na América, especialmente no Brasil. Na mesma Universidade, em setembro de 2019, realizou-se a *I Mostra de Cinema, Literatura e Identidade Cultural Negra*, que visava promover a cultura negra por meio de diferentes expressões artísticas, em especial do audiovisual, da poesia e da música.

Como parte do 10º Festival de Arte Negra em 2019, realizou-se a *Mostra Cinema FAN* que exibiu no Museu da Imagem e do Som (MIS) Cine Santa Tereza, em Belo Horizonte, um panorama das produções do cinema negro contemporâneo, com filmes de jovens realizadores e realizadoras e importantes produções da cinematografia africana. Também como parte da programação do FAN, a *Mostra de Cinema Negro: Re-costuras e Afetos*, organizada pelo Projeto Enquadro¹⁵, foi realizada

durante todo o mês de novembro de 2019. Concluímos ser importante ressaltar que, em 2017, o Festival de Arte Negra de Belo Horizonte realizou a *Mostra Cinema Negra*, que exibiu filmes realizados por mulheres negras.

A cidade de Belo Horizonte também sedia a *Mostra CineAfroBH* cuja terceira edição exibiu, entre os dias 1º e 3 de novembro de 2019, majoritariamente filmes de realizadores afro-brasileiros mineiros. Essa edição teve como tema quilombos urbanos, fé e cultura.

A terceira edição do *Cine Pojichá Festival de Cinema dos Vales do Mucuri e Jequitinhonha* trouxe para diversas cidades do estado de Minas Gerais filmes que conversavam com o tema Negros Olhares. Com esse tema, o festival selecionou filmes de curta, média e longa-metragem de cineastas negros e negras de distintas regiões do Brasil. Importante ressaltar que o festival tem um tema diferente em cada edição, demonstrando a relevância do cinema negro.

A HISTÓRIA E A CULTURA SÃO LIMITES PARA O HOMEM?

ORI é um filme documental longa-metragem (118T) e série para TV (2 partes), filmado no Brasil (São Paulo, Minas Gerais, Alagoas) e África Ocidental (Senegal, Mali e Costa do Marfim).

ORI SIGNIFICA "CABEÇA": consciência negra na sua relação com o tempo, a história e a memória - um termo de origem yorubá, povo da África Ocidental.

O QUILOMBO É MEMÓRIA, QUE NÃO ACONTECE SÓ PROS NEGROS, ACONTECE PRÁ NAÇÃO. ELE APARECE, ELE SURGE, NOS MOMENTOS DE CRISE DA NACIONALIDADE! PORQUE ZUMBI QUERIA FAZER A NAÇÃO BRASILEIRA, JÁ COM INDIOS E NEGROS INTEGRADOS DENTRO DELA.



UM FILME DE RAQUEL GERBER

voce tem uma ligação, uma linha sinuosa com o seu passado, porque esse passado foi negado...

Esse momento está sendo recuperado... Porque é o momento histórico de recuperar esse passado, para que esta linha sinuosa que liga o negro brasileiro ao outro homem africano, não seja uma linha que possa ser interrompida, que não haja um curto circuito!

"Beatrix Nascimento" - Apêndice 1 - 1983

PEQUENO HISTÓRICO E COMPOSIÇÃO DO FILME ORI
ORI se inicia em 1977 como uma pesquisa cinematográfica de Raquel Gerber sobre a História e a identidade negra no Brasil. Se encontra com outra investigação histórica de Beatrix Nascimento sobre o "QUILOMBO" como história, ideologia e organização avonômica negra na América.

Essa pesquisa resulta a História dos povos bantus na América e seu herói oviandor: ZUMBI DE PALMAREI. O conceito de QUILOMBO passa a ser o fio condutor do filme.

Durante 10 anos ORI documenta a vida e a organização de comunidades negras de São Paulo, atendendo G.R.C. Escola de Samba MOÇIDADE ALLEGRO, o G.R.C. Escola de Samba CAMISA VERDE, os bailarinos "The Black" São Paulo do CHIC SHOW, assim como importantes Congressos e encontros de liderança negra americana, como o QUINZEANO DO NEGRO (1977), o FECONZU (Festival Comunitário Negro Zumbi-Nov 1980), o II CONGRESSO DE CULTURA NEGRA DAS AMÉRICAS (21 e 27 de agosto de 1982) e a instalação do MEMORIAL ZUMBI na Serra da Barriga, União dos Filmes, Alagoas (20/11/1982).

ORI traz também a história dos ritmos negros recriados na Diáspora americana, partindo da manifestação musical conhecida por "SOUL MUSIC" e chegando ao "FUNK", ao "DISCOLOQUE" e ao "REGGAE", com JIMMY BO HORNE, a BANDA BLACK BOB, JIMMY CLIFF e GILBERTO GIL (21/07/1980).

ORI é uma série de ações e imagens organizadas pelo pesquisista Nara Vasconcelos, tentando fixar em imagens os significados simbólicos das linguagens que emergem dos propósitos do movimento negro.

ori é sempre uma coisa de transmigração. E em se a vir. Não é o todo. Como o movimento das ondas.

Tenta mostrar respostas novas a uma continuidade. A busca de um Herói. A busca da individualidade.

É sempre o homem que se renova. O poder são as circunstâncias das relações.

"Beatrix Nascimento" - Rio de Janeiro Out/88

Revela a emoção da luta pela liberdade do corpo e da alma dos povos da Modernidade do OCIDENTE: no cotidiano, nas festas como Carnaval e nos ritos como o Candomblé (Tema: YLE-XORDOQUE), resistindo o poder da Terra, os Orixás e dos ancestrais. Mas Ori quer se projetar além ansando por uma melhor interação planetária e começa do Homem nas próximas gerações.

Prêmio Paul Robeson da Diáspora III: Festival Pan Africano do Cinema e Televisão de Ouagadougou/Burkina Faso/África (8) - Prêmio Costa Azul/Homen e Natureza 5º Festival de Cinema de Troia/Portugal (8)

FOTO: ACERVO CINEMATÉCA BRASILEIRA

Para nós, encontros, mostras e festivais são configurados como terras férteis e aráveis aguardando as sementes, simbolizadas pelos filmes de cineastas negros e negras.

CENTRO-OESTE - PLANALTOS E PLANÍCIES CINEMATográfICOS

No Espírito Santo, a 5ª *Mostra Produção Independente da ABD Capixaba* (Associação Brasileira de Documentaristas e Curtas-Metragistas do Espírito Santo) realizou, entre os dias 13 a 17 de outubro de 2009, a *Mostra – Cinema em Negro & Negro*, homenageando o ator e diretor Markus Konká¹⁴. A Mostra contou com a presença dos diretores Zózimo Bulbul, Jefferson De e Joel Zito Araújo. No mesmo ano, a edição da revista *Milímetros*, organizada pela ABD, também foi dedicada ao cinema negro. Em 2019, a ABD trouxe o tema Resistência para a 14ª Mostra, pautando pela segunda vez a questão racial.

Em 2016, os cineastas Adriano Monteiro e Délio Freire, na época estudantes do mestrado em comunicação da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), em parceria com o NEAB - Núcleo de Estudos Afro-brasileiro, realizaram a *I Mostra de Cinema Negro da UFES*. A mostra exibiu 22 obras de realizadores(as) negros(as) do Brasil e do exterior, promovendo debates e oficinas sobre cinema. No entanto, a segunda versão da Mostra só viria a ocorrer em novembro de 2019, intitulada *II Mostra de Cinema Negro do Espírito Santo*. A *Mostra do Cineclubes Teresa de Benguela* realizou, em 2017, sua primeira edição na Ilha do Mel, como é poeticamente chamada a cidade de Vitória. O evento foi idealizado por quatro jovens negras cineastas — Hegli Lotério, Karol Mendes, Daiana Rocha e Láisa Freitas —, instigadas pela professora Gabriela Santos Alves. A edição inaugural da mostra contou com cinco dias de programação e teve como tema Trajetórias. Em 2018, a segunda edição foi nomeada Encontros. A mostra tem como propósito discutir o cinema negro a partir da reunião de uma filmografia dirigida, produzida e roteirizada por cineastas negras, exibindo filmes que valorizam as narrativas e memórias da cultura negra.

Na capital do Brasil, realiza-se desde 2017, a primeira mostra competitiva de cinema negro do Brasil. A *Mostra Competitiva de Cinema Negro – Adélia Sampaio* reúne filmes recentes de cineastas negras de todo o Brasil. Em 2021, a mostra tornou-se um evento internacional, apresentando um panorama de filmes realizados por mulheres negras no Brasil e na diáspora.

A Caixa Cultural de Brasília abrigou em suas dependências a *Mostra de Diretoras Negras no Cinema Brasileiro*¹⁵. Com curadoria de Kênia Freitas e Paulo Ricardo de Almeida, o projeto apresentou uma retrospectiva da produção cinematográfica de cineastas negras no Brasil, desde a primeira, Adélia Sampaio, aos nomes mais recentes e contemporâneos, exibindo longas, médias e curtas entre documentários e ficções.

No mesmo espaço da Caixa, em 2018, foi a vez da *Mostra Visionária - O Olhar da Mulher Negra*, composta por 30 curtas-metragens que demonstram o olhar das mulheres negras que atuam na direção, roteiro, produção e como protagonistas na construção de uma narrativa cinematográfica contando suas próprias histórias. Essas duas mostras, no entanto, foram apenas eventos pontuais.

Também como evento pontual, destaca-se a 16ª edição do *Goiânia Mostra Curtas* (2016), que realizou uma mostra paralela sobre cinema negro. Além de homenagear o cineasta Zózimo Bulbul, a mostra exibiu um panorama que retrata as preocupações e narrativas desenvolvidas pelos cineastas negros.

No Estado do Mato Grosso, a *Mostra de Cinema Negro de Mato Grosso* ocorre desde 2016 cumprindo o objetivo de debater e refletir sobre o protagonismo das pessoas negras nas produções audiovisuais. Consolidado com sua sexta edição (2022), o evento é um incentivo para produzir e contar histórias, democratizar o audiovisual e, ainda, revelar a arte e a cultura brasileira, com diversidade e ampliação das vozes negras do país.

**REGIÃO SUL - CINEMA NEGRO
DOS PAMPAS E DAS FRONTEIRAS**

No Rio Grande do Sul, a primeira edição da *Mostra de Cinema Negro de Pelotas* aconteceu em 2017, na Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Desde então, a Mostra tem reunido anualmente produções de cineastas negras e negros contemporâneos.

Sem se constituírem como eventos de fluxo contínuo, encontramos, em Porto Alegre, o *Ciclo de Cinema Negro* e a *Mostra de Cinemas Africanos*, ambos ocorreram em 2019.

O Núcleo de Estudo Afro-brasileiros da Universidade Federal do Paraná realizou, em 2010, a *I Mostra de Cinema Negro e Indígena de Curitiba*. Essa mostra parece ter sido pontual, pois não conseguimos obter informações sobre outras edições.

Desde 2017, Curitiba realiza a *Mostra de Cinema Negro Brasileiro*. O evento ocorre no Cine Passeio e na Cinemateca e no Museu de Imagem e Som (MIS), apresentando trabalhos de cineastas negros e negras do Brasil.

Em 2019, o Movimento Negro Periférico, Projeto É Da Nossa Cor e Coletivo Pele, em parceria com o programa Cinemática Temas Transbordantes, criaram o *Festival Cinema Negro de Santa Catarina*. A primeira edição do evento abriu o mês da Consciência Negra em Florianópolis, no Centro Integrado de Cultura (CIC). Dentro do Festival, aconteceu a *Mostra Competitiva de Curtas-metragens* e a *Mostra de Cinema Infantil*, ambas pautadas na temática da negritude.

**REGIÃO NORTE -
O CINEMA NEGRO DAS AMAZÔNIAS**

No Pará, a *Mostra de Cinema NEGRO FICCA* ocorreu na cidade de Belém e reuniu 10 filmes nacionais e estrangeiros, de autores negros e de temáticas a partir da arte e da resistência negra. A mostra aconteceu em novembro de 2017, na Sala de Leitura do Laboratório de Antropologia Arthur Napoleão Figueiredo no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH/UFPA). A *Mostra de Cinema NEGRO FICCA* não teve continuidade.

Em 2019, o *I Festival de Cinema Negro Zélia Amador de Deus* nasceu com o objetivo de discutir o racismo das produções audiovisuais e valorizar o cinema afro-brasileiro, com ênfase na produção da região amazônica. A iniciativa do Festival é do Cine Diáspora, projeto da artista visual Luana Peixe e do cineasta Rafael Ferreira, e homenageia a professora e ativista paraense Zélia Amador de Deus, referência nacional na luta pela valorização de mulheres e homens negros. A última edição do festival aconteceu em 2022, consolidando-se no calendário de festivais da região norte.

No estado de Roraima, em maio de 2015, ocorreu o segundo ciclo de filmes do projeto *Cine Neabi I - Multipli-*



RIO ZONA NORTE

cando Olhares, com obras que retratam a cultura negra. O Cine Neabi é um cineclube que tem a diversidade e os direitos humanos como foco principal. O projeto é desenvolvido pelo Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (Neabi) do Instituto Federal de Roraima (IFRR) Campus Boa Vista-Centro.

A Universidade Federal do Amazonas promoveu em 2015 um Seminário e Mostra de Cinema, com o intuito de debater as questões raciais. Na programação, a *Mostra de Cinema Cine & Vídeo Tarumã* apresentou três filmes que focavam em diferentes perspectivas da população negra: *Selma*, *Teza* e *Quanto vale ou é por quilo?*.

Embora esses últimos eventos não sejam uma produção exclusiva de cineastas negros, consideramos essas mostras dentro desse panorama, por serem as únicas que encontramos na região amazônica. Nota-se um visível crescimento de cineastas negros e negras na região e a incansável luta de exibição de suas produções. Desse modo, esperamos que eventos como o *Festival de Cinema Negro Zélia Amador de Deus* se consolidem no calendário anual cinematográfico da região.

FINALIZANDO AS TRILHAS E AS TRAMAS

Ao olhar atentamente para o passado do cinema brasileiro, constatamos as invisibilidades de cineastas negros e negras. No entanto, atualmente encontramos grupos que acionam um circuito independente por meio dos encontros, festivais e mostras para distribuir e exibir as suas produções como meio de romper com as estruturas excludentes do cinema. Dessa maneira, o cinema negro constitui-se num ponto de aglutinação de ações que visam alterar o lugar ao qual a população negra foi relegada ao longo da história do cinema e do audiovisual no país.

As primeiras décadas do século XXI foram um importante período em que uma conjunção de fatores possibilitou o acesso da população negra aos meios necessários para produzir seus filmes. Todas essas ações consolidaram o Cinema Negro Brasileiro (CNB) como um percurso que vem sendo trilhado nos principais movimentos de resistência ao sistema escravista e ao racismo antes e depois da assinatura da Lei Áurea (SOUZA, 2013).

O artigo *Mostras e Festivais – consolidando o Cinema Negro Brasileiro* é fruto de uma pesquisa que os autores desenvolveram em 2018. Cinco anos depois, buscamos atualizar os eventos específicos de cinema negro que ocorreram no Brasil. Temos consciência de que esse assunto não se esgota, mesmo porque em 2021 muitos eventos foram realizados com os recursos de políticas emergenciais como a Lei Aldir Blanc, após uma pausa imposta pela pandemia e descaso com a cultura no país.

Esperamos que apontar eventos específicos do Cinema Negro Brasileiro possa contribuir e ajudar a consolidar os debates acerca das práticas e conceitos do CNB. Obviamente, essa discussão é apenas um dos muitos caminhos interrompidos em 2016, a partir de todo o retrocesso que o Brasil vivenciou desde o golpe de Estado contra a Presidenta Dilma e posterior fechamento do Ministério da Cultura.

Essas trilhas e trajetórias viabilizam reflexões sobre a história da África e das condições socioeconômicas da população negra. Além disso, as perspectivas de mudanças, por meio do acesso às universidades e institutos federais, concretizadas pela política de cotas, colocaram no mercado um crescente número de profissionais que buscam em suas produções mostrar a complexa trama de experiências vividas pelos negros e negras brasileiros. Observa-se que grande parte das mostras de cinema negro, nos últimos anos, estiveram associadas às universidades federais em todas as regiões do país, refletindo as consequências do acesso da população negra aos espaços acadêmicos.

Concomitantemente a esse avanço nas políticas afirmativas, assistimos ao desenvolvimento das tecnologias digitais, que permitiram o acesso aos meios necessários para a produção cinematográfica.

A confluência desses fatores possibilita que negros e negras possam inserir-se no mercado cinematográfico e refletir sobre as suas vivências e a história da população negra em suas produções. Na contemporaneidade, o cinema produzido por negros e negras é marcado pelo desenvolvimento humano, criando e recriando mundos e possibilidades. Este fazer cinema se constitui também como oportunidade de constituição do indivíduo enquanto parte de um coletivo e de uma territorialidade que permite a recriação do mundo e a elaboração de um cinema engajado na luta por uma sociedade mais justa e igualitária. ■

*** EDILEUZA PENHA DE SOUZA
E MARCUS VINICIUS AZEVEDO**
MESQUITA SÃO PESQUISADORES
DO CINEMA NEGRO BRASILEIRO,
PRODUTORES E REALIZADORES
CINEMATOGRÁFICOS. PAUTAM
SUAS PRODUÇÕES EM RETRATAR A
REALIDADE DA POPULAÇÃO NEGRA
EM SEUS DIVERSOS ASPECTOS COMO
GÊNERO, SEXUALIDADE E AFETO.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, JOEL ZITO. ONDE ESTÁ O NEGRO
NA TV PÚBLICA BRASILEIRA. IN: ARAÚJO,
JOEL ZITO (ORG.). *O NEGRO NA TV PÚBLICA*.
BRASÍLIA: FCP, 2010.

BAMBA, MAHOMED. O CAMPO DISCURSIVO
DOS MINI-DOCUMENTÁRIOS SOBRE
A CONDIÇÃO DIASPÓRICA NO CINEMA
BRASILEIRO. *A COR DAS LETRAS*, V. 12, N. 1, P.
57-77, 2011.

BULBUL, ZÓZIMO. *QUEM SOMOS*. CENTRO
AFRO CARIOCA DE CINEMA. S.D. DISPONÍVEL
EM: [HTTP://AFROCARIOCADECINEMA.ORG.BR/
QUEM-SOMOS/](http://afrocariocadecinema.org.br/queem-somos/).

EMBRAFILME. *FILME CULTURA: O NEGRO
NO CINEMA BRASILEIRO*. RIO DE JANEIRO:
Nº 40, ANO XV, AGO/OUT, 1992. DISPONÍVEL
EM: [HTTP://REVISTA.CULTURA.GOV.BR/ITEM/
FILME-CULTURA-N-40/](http://revista.cultura.gov.br/item/filme-cultura-n-40/).

_____. *JORNAL DA TELA: 100 ANOS
DA ABOLIÇÃO NOS 90 ANOS DO CINEMA*. R
IO DE JANEIRO: Nº29, ANO VI, MAIO/JUN, 1998.

SODRÉ, MUNIZ. *CLAROS E ESCUROS:*
IDENTIDADE, POVO E MÍDIA NO BRASIL.
PETRÓPOLIS: VOZES, 1999.

SOUZA, EDILEUZA PENHA DE. CINEMA NEGRO
– CONCEITO CORPORIFICADO PELA MILITÂNCIA.
IN: SOUZA, EDILEUZA PENHA DE. *CINEMA
NA PAINELA DE BARRO: MULHERES NEGRAS,*
NARRATIVAS DE AMOR, AFETO E IDENTIDADE.
BRASÍLIA, UNB, 2013.

SOUZA, GUSTAVO. POLÍTICAS CULTURAIS,
VÍDEO DIGITAL E POLÍTICA DE REPRESENTAÇÃO:
FATORES PARA O DESENVOLVIMENTO
DO CINEMA DE PERIFERIA BRASILEIRO.
FRONTEIRAS-ESTUDOS MIDIÁTICOS,
V. 14, N. 2, P. 99-109, 2012.

STAM, ROBERT. *MULTICULTURALISMO
TROPICAL: UMA HISTÓRIA COMPARATIVA
DA RAÇA NA CULTURA E NO CINEMA
BRASILEIROS*. TRAD. FERNANDO S. VUGMAN.
SÃO PAULO: EDITORA DA UNIVERSIDADE
DE SÃO PAULO, 2008.

NOTAS

1 O CINEASTA E ATOR ZÓZIMO BULBUL
PRODUZIU E DIRIGIU FILMES E VÍDEOS
DOCUMENTÁRIOS DE CURTA, MÉDIA E
LONGA-METRAGEM, COMO ALMA NO OLHO
(1973), ARTESANATO DO SAMBA (1974)
(EM CO-DIREÇÃO COM VERA DE FIGUEIREDO),
MÚSICOS BRASILEIROS EM PARIS (1976),
DIA DE ALFORRIA...(?) (1981), ABOLIÇÃO
(1988) E PEQUENA ÁFRICA (2001).

2 A DATA FOI INSTITUÍDA PELO MOVIMENTO
SOCIAL NEGRO EM 1978, COMO DIA DIA
NACIONAL DA CONSCIÊNCIA NEGRA.

3 COMO DEMONSTRA PESQUISA REALIZADA
PELA ANCINE - AGÊNCIA NACIONAL DO
CINEMA: [HTTPS://OCA.ANCINE.GOV.BR/SITES/
DEFAULT/FILES/REPOSITORIO/PDF/INFORME_
DIVERSIDADE_2016.PDF](https://oca.ancine.gov.br/sites/default/files/repositorio/pdf/informe_diversidade_2016.pdf)

4 VER: ARAÚJO, JOEL ZITO (ORG.). O NEGRO NA
TV PÚBLICA. BRASÍLIA: FCP, 2010. NESTA CARTA,
ESCRITA EM 1953, O ATOR REIVINDICA MAIOR
PARTICIPAÇÃO DE NEGROS NAS PRODUÇÕES,
E SE CONFIGURA HOJE, COMO O PRIMEIRO
MANIFESTO DO CINEMA NEGRO BRASILEIRO.

5 CRIADO EM 1995 EM BELO HORIZONTE,
O FAN É UM FESTIVAL DE ARTE NEGRA QUE
OCORRE COM PERIODICIDADE BIENAL.

6 PARA ALÉM DOS EVENTOS E COMEMORAÇÕES,
O TRICENTENÁRIO DE ZUMBI DOS PALMARES FOI
UM MARCO PARA CONSTRUÇÃO DE POLÍTICAS
PÚBLICAS PARA A POPULAÇÃO NEGRA. O
MOVIMENTO SOCIAL NEGRO BRASILEIRO REUNIU
EM BRASÍLIA 30 MIL PESSOAS PARA DENUNCIAR
O PRECONCEITO, O RACISMO E A DISCRIMINAÇÃO
RACIAL COMO DETERMINANTES DA AUSÊNCIA DE
POLÍTICAS PÚBLICAS PARA A POPULAÇÃO NEGRA.

7 O CACHOEIRADOC, OCORRE DESDE
NOVEMBRO DE 2010 NA UFRB - UNIVERSIDADE
FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA EM
PARCERIA COM O CURSO DE CINEMA
E AUDIOVISUAL.

8 O CINECLUBE É UM PROJETO DE PESQUISA
E EXTENSÃO VINCULADO AO CURSO DE CINEMA
E AUDIOVISUAL DA UFRB, E CONTA COM APOIO
FINANCEIRO DO GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA,
POR MEIO DO FUNDO DE CULTURA - EDITAL
SETORIAL DE AUDIOVISUAL 2016 DA FUNCEB,
EM PARCERIA COM SECRETARIA DE CULTURA E
SECRETARIA DA FAZENDA DO ESTADO.

9 DOUTOR EM CINEMA, ESTÉTICA DO
AUDIOVISUAL E CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO
PELA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (ECA-USP),
MOHAMED BAMBA, NASCEU NA COSTA DO
MARFIM E CONSTRUÍU TODA SUA CARREIRA
ACADÊMICA NO BRASIL. BAMBA ERA PROFESSOR
DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA.

10 CINEASTA E PRODUTORA AUDIOVISUAL.
MESTRA EM CINEMA E NARRATIVAS SOCIAIS
PELA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE,
É COCRIADORA DA EGBÉ – MOSTRA DE CINEMA
NEGRO DE SERGIPE.

11 A CINEASTA E ANTROPÓLOGA DRA. SHEILA
S. WALKER, RATIFICA A DIÁSPORA AFRICANA
EM TODO MUNDO E COMO OS POVOS
AFRICANOS USARAM SEUS CONHECIMENTOS
E TECNOLOGIAS AFRICANAS PARA A
FORMAÇÃO DE NOVAS SOCIEDADES,
A EXEMPLO DAS AMÉRICAS, TURQUIA,
ÍNDIA E OUTRAS DIÁSPORAS.

12 DOUTOR EM CULTURA PELA UNIVERSIDADE
DE SÃO PAULO - USP. PÓS-DOCTOR EM
LINGUÍSTICA PELO INSTITUTO DE ESTUDOS
DA LINGUAGEM IEL/UNICAMP. PROFESSOR
ASSOCIADO DA UNIVERSIDADE FEDERAL
DO MATO GROSSO (UFMT). ANTROPÓLOGO,
CINEASTA. CRIADOR E CURADOR DA MOSTRA
INTERNACIONAL DO CINEMA NEGRO.

13 É UMA INICIATIVA REALIZADA COMO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO
DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – JORNALISMO
DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
(UFMG), SOB ORIENTAÇÃO DO PROFESSOR
ELTON ANTUNES. ELE CONSISTE EM NOVE
REPORTAGENS PUBLICADAS NO ALMA PRETA,
AGÊNCIA JORNALÍSTICA ESPECIALIZADA EM
TEMÁTICA RACIAL: [HTTPS://PROJETOENQUADRO.
WORDPRESS.COM/](https://projetoenquadro.wordpress.com/)

14 ATOR, BAILARINO, COREÓGRAFO E DIRETOR,
ATUOU EM MAIS DE 40 FILMES, ENTRE CURTAS
E LONGAS-METRAGENS. FOI DIRIGIDO POR
IMPORTANTES NOMES DO CINEMA NACIONAL:
NELSON XAVIER, RUY GUERRA, HECTOR
BABENCO, HUGO CARVANA, ARNALDO JABOUR,
CARLOS DIEGUES E NEVILLE DE ALMEIDA,
DENTRE OUTROS.

15 NA SEQUÊNCIA, A MOSTRA DE DIRETORAS
NEGRAS NO CINEMA BRASILEIRO OCORREU
NO RIO DE JANEIRO E EM BELO HORIZONTE.

FILMOGRAFIA

NEGRUM3. DIREÇÃO: DIEGO PAULINO.
SÃO PAULO: REPTILIA PRODUÇÕES, 2018. (22 MIN.)

*ROSTOS FAMILIARES, LUGARES -
UMA DIÁSPORA AFRICANA GLOBAL*.
DIREÇÃO: SHEILA WALKER. ESTADOS UNIDOS
DA AMÉRICA: AFRODIÁSPORA, 2018. (32 MIN.)